

Introdução

Nosso objeto de dissertação de mestrado é o diálogo *Sofista*, de Platão. Nosso objetivo específico é oferecer uma abordagem satisfatória da leitura platônica do poema de Parmênides pressuposta pela série de dificuldades exposta na passagem compreendida entre 236e e 241a. Esta passagem inicia-se com uma citação direta de dois versos do fragmento B7 do poema de Parmênides e termina com a célebre passagem do parricídio, na qual se faz necessário matar o próprio pai. Entre estas duas passagens, são expostos e relacionados ao poema de Parmênides nada mais nada menos do que cinco argumentos. Trata-se, portanto, de uma passagem fundamental para a compreensão da influência de Parmênides de Eléia no desenvolvimento da metafísica platônica. Além disso, esta passagem exerceu também, ao longo dos séculos, um importante papel no que diz respeito à difícil tarefa de interpretação do pensamento de Parmênides.

Antes, porém, de estendermo-nos na circunscrição de nosso tema de trabalho propriamente dito, faz-se mister oferecer um breve relato do itinerário da pesquisa que a ele nos conduziu. Mais do que um simples procedimento protocolar, oferecer um breve resumo de nossa trajetória de investigação pode servir de auxílio para uma melhor compreensão das posições que assumiremos no decorrer do texto. De posse do conhecimento das linhas gerais que nortearam as etapas que logramos percorrer até aqui, certamente se clarificarão certas passagens que, em virtude do caráter objetivo que se espera de uma dissertação de mestrado, não puderam ser desenvolvidas de forma mais detalhada.

O pano de fundo que norteia o andamento de nossa pesquisa, desde os tempos da graduação, é elucidar o surgimento do discurso predicativo e em que medida ele se relaciona com o advento de uma sintaxe algo mais conceitual ou abstrata, na qual o verbo grego *ser* exerce um papel fundamental. Tal sintaxe, diga-se de passagem, expressa geralmente sob a forma “x é F”, na qual o sujeito funciona como se fosse uma espécie de suporte para diversos atributos, tornou-se

doravante o modelo típico do discurso ocidental de conhecimento. Um dos elementos fundamentais para a compreensão desta transformação é a função do verbo *ser* na construção citada acima, que denota não um ato, um evento ou uma presença, conforme alguns estudiosos sugerem ser seus sentidos primários ou originários, mas tão somente uma espécie de operação de composição ou simplesmente de ligação entre dois elementos¹, indicando uma relação de pertença que é, ao mesmo tempo, abstrata e imutável². De acordo com Havelock, os usos fortemente copulativos do verbo não dependem apenas de que εἶναι expresse uma simples relação lógica.

As condições para um uso puramente predicativo não são dadas apenas pelo verbo, mas também pela companhia que ele mantém, isto é, pela natureza dos termos que ele conecta. Além da exigência de que o verbo utilizado para conectar sujeito e predicado seja investido da função de denotar não um ato ou um evento, mas um relacionamento lógico e estático, o sujeito e o predicado conectados pela cópula devem ser completamente depurados de toda personalidade e especificidade, isto é, não podem ser puras atividades, acontecimentos ou qualquer coisa qualificada por indicações de lugar ou tempo, mesmo que implícitas. Segundo este autor, o contexto oral, no qual Parmênides certamente estava inserido, não favorece a construção de sentenças que expressam leis e regras gerais, cujos termos componentes são conectados por utilizações do verbo εἶναι no presente atemporal³.

¹ Essa função do verbo *ser* como operador copulativo, depurado de toda referência concreta, cujo único sentido é indicar a síntese entre sujeito e predicado, é sugerida por Aristóteles: “pois ele [o verbo *ser*], por um lado, é nada; por outro, indica uma síntese, que sem os [elementos] conectados não é possível pensar” (αὐτὸ μὲν γὰρ οὐδέν ἐστιν, προσσημαίνει δὲ σύνθεσιν τινα, ἣν ἄνευ τῶν συγκειμένων οὐκ ἔστι νοῆσαι, Da Interpretação, 16b.23-25). Para Aristóteles, expressões na forma “S é P” constituem a forma lógica fundamental da predicação, de modo que enunciados como “Sócrates corre”, por exemplo, mais comuns na linguagem ordinária, podem perfeitamente ser reduzidos à forma “S é P”, mais apropriada em formulações mais exatas (Angioni 2006:22).

² Owen também chama atenção para este ponto: “the fact that a grammatical tense can be detached from its tense-affiliations and put to a tenseless use is something that must be discovered at some time by somebody or some set of people” (1986b:27). O uso do verbo *ser* para este fim é destacado por Havelock: “the verb to be used to connect them must be invested with the function of denoting not an act, or an event, but a relationship which is both logical and static, or, as Plato would say, 'immovable.' (1978:233).

³ De acordo ainda com Havelock, “oral storage is unfriendly to what we might call an 'is' statement; that is, it is unfriendly to the use of the verb 'to be', or its equivalent in whatever

O advento deste novo discurso, que podemos denominar aqui predicativo, consistiria em transformações específicas das formas de expressões preexistentes nas narrativas míticas e constitui um dos principais requisitos para o advento do discurso filosófico. O interesse por este tema surgiu a partir dos estudos sobre a oralidade grega que desenvolvemos na graduação em Letras (Português-Grego) da Universidade Federal Fluminense. Entre os autores estudados neste período, destaca-se Eric Havelock, em cuja obra encontramos a proposta de que este tipo de construção sintática era inexistente na poesia épica em geral (Havelock 1978:233).

Nessa linha, no que constitui nosso segundo movimento de delimitação desse campo de estudo, desenvolvemos e defendemos, junto ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, um trabalho de conclusão de curso intitulado “É ou não é? Um estudo sobre o verbo ser no poema de Parmênides”. Neste trabalho, por meio de uma tradução do poema de Parmênides direta do grego e da leitura de alguns artigos seminais de Charles Kahn, bem como de outros estudiosos que deram continuidade à linha interpretativa iniciada por este, como Alexander Mourelatos e Patricia Curd, por exemplo, tentamos redimensionar o papel de Parmênides, propondo uma leitura puramente predicativa da enunciação das duas vias no fragmento B2 e uma interpretação dos *sinais* (σήματα) do *ser*, no fragmento B8, não como características do Ser, com maiúscula, isto é, do ser metafísico, mas do *ser* do juízo que introduz assertividade, utilizados como recursos *poéticos* para enfatizar que o que estava em jogo era uma busca ou mesmo uma instauração de uma nova sintaxe, entendida então como uma espécie de asserção forte, mais apropriada ao discurso filosófico.

Ainda que a posição ali esboçada tenha se afastado francamente do que constitui a interpretação tradicional de Parmênides, veiculada por grande parte dos manuais, sobretudo pela rejeição de que o sentido primordial ou, utilizando a terminologia tão cara aos arautos da *Seinsfrage*, de que o sentido *originário* do verbo grego *ser* era existencial, ela possuía a vantagem de tentar situar o

“... tongue is in question, used simply as the verb ‘to be’, meaning either essence or being, either what is logically true or metaphysically existent” (1978:42).

pensamento de Parmênides no horizonte de seu contexto cultural, oferecendo, senão respostas definitivas, pelo menos caminhos possíveis de resposta para as seguintes questões: como o discurso filosófico emerge a partir de outras formas de discurso? Quais as características do discurso filosófico, que ainda estava constituindo-se naquele preciso momento histórico, em oposição a outros discursos? Como entender o poema de Parmênides que, historicamente, situa-se exatamente no exato ponto de transição entre o discurso mitopoético e o discurso filosófico?

Para responder às perguntas acima, era necessário trazer a tona mais elementos para a devida colocação do problema, e estes elementos nem sempre estão explícitos nos textos. Trazer mais elementos para a interpretação significa não apenas estabelecer maiores pontos de contato entre as partes do texto, mas também relacionar o próprio texto com o horizonte cultural do qual ele emerge, sobretudo no que diz respeito às assunções conceituais tácitas que formam as bases mesmas do esquema conceitual de um grego daquele período⁴. Muitas vezes, estas assunções, por nos serem demasiadamente óbvias ou talvez extravagantes, são negligenciadas, impossibilitando não só a devida compreensão dos problemas, mas até mesmo por que constituíam efetivamente problemas. Sendo assim, procuramos também, recorrendo aos estudos da linguagem oral da poesia épica com os quais já estávamos razoavelmente familiarizados, enfatizar a relação entre a tradição oral e o poema de Parmênides, o que nos levou a sugerir que a estrutura proposicional associada ao caminho da verdade, entendida como uma asserção forte, não era, ao contrário do que acreditou Charles Kahn, compreendida ou utilizada desta forma até então.

Levávamos em conta também que, no campo dos estudos clássicos e, mais especificamente, no campo do estudo de textos clássicos de filosofia, que consiste basicamente em uma tarefa de interpretação de textos, oferecer alternativas de interpretação em adição às que se encontram no centro das discussões é uma das

⁴ Raramente se coloca em questão porque determinados problemas eram importantes para certos filósofos. Jaakko Hintikka acredita que uma das tarefas fundamentais do historiador da filosofia é buscar as razões segundo as quais certos problemas eram vistos como tais por certos filósofos. Em muitos casos, as respostas devem ser buscadas nas “assunções conceituais e preferências conceituais” que eram comuns a uma mesma cultura ou a um conjunto de pensadores do mesmo período (Hintikka, 1973:2).

únicas formas de aumentar o conteúdo empírico disponível, dando a este campo de estudo um caráter mais científico, desde que se respeite o tênue equilíbrio entre o máximo possível de evidências histórico-filológicas e explicações filosoficamente válidas⁵.

No entanto, estávamos inteiramente conscientes de que a interpretação proposta, a despeito das possíveis vantagens explicativas que oferecia, não era de modo algum confirmada pela tradição filosófica subsequente. Zenão, ao que parece, esforçava-se em defender a tese de Parmênides como uma postulação da unidade monolítica do ser, argumentando contra a pluralidade e o movimento ou, para ser mais específico, contra a inteligibilidade do movimento e da pluralidade. Melisso, considerado por muitos um fiel discípulo de Parmênides⁶, ao atacar com veemência as crenças do senso comum, parece não apenas esposar o monismo numérico tradicionalmente atribuído a Parmênides, mas também desenvolvê-lo e ampliá-lo. Há também indícios, dos quais o *tratado* de Górgias acerca do *não-ser* é apenas um exemplo, de que a interdição parmenídica fornecia as bases para inúmeros argumentos sofísticos que negavam a possibilidade do discurso falso.

Mas um dos textos que melhor documenta a recepção e as interpretações possíveis do poema de Parmênides naquele período histórico específico, e não propriamente o que Parmênides tinha em mente ao compor o seu poema⁷ é o diálogo *Sofista*, de Platão. Segundo grande parte dos manuais e compêndios tradicionais de filosofia antiga, o diálogo *Sofista* apresenta a refutação definitiva de Parmênides de Eléia por parte de Platão. É comum também afirmar que Platão nutria um grande respeito por Parmênides. Estudiosos apresentam inúmeras

⁵ Apoiamo-nos aqui nas considerações metodológicas de Mourelatos. Segundo este autor, no caso do estudo dos fragmentos pré-socráticos, dos quais desconhecemos os antecedentes literários e o contexto preciso das discussões em curso, até mesmo a interpretação mais conveniente e plausível deve ser considerada especulativa. Em vista deste fato, a tarefa de interpretação dos fragmentos deve levar em conta certo *pluralismo tolerante*, de modo que o conselho de Feyerabend – oferecer interpretações alternativas às que se encontram no centro da discussão – pode produzir resultados frutíferos. Ver, a esse respeito, Mourelatos (1979:5).

⁶ Ver, a esse respeito, Diógenes Laércio, que sustenta que “ele foi discípulo de Parmênides” (οὗτος ἤκουσε Παρμενίδου, 9.24.1). Ver também Kirk, Raven & Schofield (1994:413) e Barnes (1984:176-7).

⁷ Como veremos adiante, trata-se de dois projetos distintos, cada qual exigindo uma abordagem específica. Um deles é tentar fornecer uma abordagem satisfatória do pensamento de Parmênides nos próprios termos deste autor. O outro, com o qual nos comprometemos aqui, consiste em oferecer uma caracterização apropriada da influência ou das ressonâncias possíveis de um autor sobre o próximo.

passagens que confirmariam este respeito de Platão⁸. Após a admissão deste respeito, segue-se outra assunção, muitas vezes admitida quase que implicitamente, segundo a qual Platão teria compreendido e apresentado a doutrina de Parmênides tal qual era professada e entendida pelo próprio Parmênides. Ora, como Platão *respeita* e *admira* imensamente o autor do Poema da Deusa, ele teria não só a obrigação de compreender exatamente os argumentos parmenídeos, mas também de expô-los da maneira mais fidedigna possível. Assim, da admissão do respeito que Platão nutria por Parmênides segue-se a admissão de que ele lia e compreendia Parmênides do melhor modo possível, de modo que as passagens nos diálogos nas quais o pré-socrático de Eléia é retratado são tomadas como documentos fidedignos do que seria a interpretação ortodoxa do Poema da Deusa. Ora, aceitos ou não os pontos acima, nos parece inegável, no entanto, que o *Sofista* é um diálogo extremamente relevante no que diz respeito à interpretação do poema de Parmênides, o que justifica plenamente a escolha deste diálogo específico como tema da presente dissertação.

No entanto, ainda que o *Sofista* seja de fato um diálogo fundamental para a devida compreensão da recepção platônica de Parmênides de Eléia, esta não é uma tarefa muito simples. Inúmeras armadilhas se oferecem ao leitor incauto, ao leitor que, movido pela exigência de respostas rápidas, acaba ignorando as sutilezas de um texto dramático, no qual a ironia, a escolha dos personagens, o ambiente no qual se passa a ação e a própria relação com os outros diálogos são também fundamentais para a devida compreensão do texto. Neste ponto, não podemos negligenciar as inegáveis qualidades literárias do texto platônico, o que exige um tipo de leitura que, não deixando de lado o rigor com o qual habituamos a ler os *papers* publicados nas revistas especializadas, não pode também abrir mão da sensibilidade e do tipo de atenção com a qual debruçamo-nos prazerosamente sobre qualquer clássico de nossa literatura.

⁸ Juntamente com o *Sofista*, o *Teeteto* é utilizado por estes estudiosos como uma confirmação do respeito que Platão nutria por Parmênides. Neste diálogo (183e6), o personagem Sócrates caracteriza Parmênides como alguém ao mesmo tempo *venerável* (αἰδοῖός) e *terrível* (δεινός). No início do *Sofista*, Parmênides é caracterizado como “alguém que é <um> deus refutativo” (θεὸς ὧν τις ἐλεγκτικός, 216b5) e que desenvolve “argumentos inteiramente belos” (λόγους παγκάλους, 217c5).

De todas as passagens do *Sofista*, a que trata do famoso parricídio é provavelmente a mais importante no que tange à determinação das relações entre o eleata e Platão. Neste diálogo, para garantir não apenas a possibilidade do discurso falso, mas, sobretudo, a própria admissibilidade ontológica da imagem, Platão terá que *refutar* Parmênides, tornando-se assim um parricida. Mas em que consiste o parricídio? Ora, o parricídio consiste no fato de que Platão, contra seu pai, terá que “insistir forçosamente que *o que não é*, segundo algum aspecto, *é*, e que, por sua vez, *o que é*, por algum meio, *não é*”⁹ (βιάζεσθαι τό τε μὴ ὄν ὡς ἔστι κατά τι καὶ τὸ ὄν αὖ πάλιν ὡς οὐκ ἔστι πῃ, 241d8-9). Ou, dito de outra forma, recorrendo aqui a uma formulação oracular, Platão tem que admitir que o Não-Ser, em alguma medida, pode Ser.

Ao que parece, a própria enunciação acima seria um indício de que a tese de Parmênides, em sua contrapartida negativa, era tomada por Platão de forma absoluta. Inúmeros estudos dão sustentação a esta interpretação. Isto é, de algum modo, a interdição de τό μὴ ὄν parece ser interpretada como uma impossibilidade do “não-ser absoluto”. Tenhamos em mente também que a refutação de Parmênides se oferece como uma solução ou mesmo uma superação, sobretudo se levarmos em conta as cláusulas restritivas presentes na enunciação mesma da refutação: se, de fato, faz-se necessário insistir que *o que não é* (τό μὴ ὄν), *segundo algum aspecto* (κατά τι), *é* (ἔστι), e que *o que é* (τὸ ὄν), *por algum meio* (πῃ), *não é* (οὐκ ἔστι), torna-se plausível, conforme indicam grande parte dos estudos presentes nos manuais, sugerir que a solução oferecida opera por meio de uma distinção entre diferentes sentidos do verbo grego ser¹⁰.

⁹ As traduções das passagens em grego, quando não apresentarem nenhuma indicação em contrário, são de nossa responsabilidade. Na maioria dos casos optamos por seguir as traduções mais aceitas, realizando apenas pequenas modificações. Como base para as referências ao texto platônico, tomamos o texto estabelecido na edição crítica *Platonis Opera*, de John Burnet (1941).

¹⁰ Diversos autores sustentam esta posição. Guthrie, por exemplo afirma que “talvez a maior contribuição do *Sofista* está na declaração de que (...) uma palavra pode ser usada em mais de um sentido. Todo o desafio de Parmênides, e muitos dos argumentos da sofística, se apóiam sobre a assunção de que o verbo 'ser' significa uma coisa e apenas uma coisa. Uma vez que se mostre que a mesma palavra nem sempre é usada para expressar o mesmo conceito – como, por exemplo, o de existência, o de identidade e o de atribuição, embora sejam expressos pela mesma palavra 'é' – o pensamento grego tornou-se livre de todo um conjunto de problemas irrealis” (Guthrie, 1978:152). Crombie oferece uma posição semelhante, ao sustentar que “talvez um dos maiores propósitos do *Sofista* é livrar-se deles [isto é, dos problemas] por meio

Rejeitamos completamente esta sugestão. Além de não se confirmar em nenhuma passagem do texto, esta tarefa de distinção não é nem mesmo necessária para a tarefa principal do diálogo, que é a de oferecer uma abordagem satisfatória das relações entre as Formas e os particulares sensíveis¹¹.

A tarefa que ora se nos oferece, portanto, em continuidade ao nosso caminho de investigação até aqui traçado, é tentar compreender em que consiste e em que termos se coloca não propriamente a refutação de Parmênides como um todo, que se efetiva apenas a partir de 257b, com a assimilação de τό μὴ ὄν a τό ἕτερον τῶν ὄντων, ou seja, entre *o que não é* e *o diferente das <coisas> que são*, mas a própria colocação dos problemas e seus vínculos com o poema de Parmênides. Ou seja, trata-se de tentar elucidar a interpretação platônica de Parmênides e quais são especificamente as posições que Platão rejeita quando fala em parricídio. Dito de outra forma, trata-se de tentar inferir a interpretação platônica de Parmênides de Eléia a partir dos usos que Platão faz do personagem Parmênides de Eléia.

Inicialmente, no início da presente pesquisa, estávamos imbuídos de inúmeras interrogações. Será que o *Sofista* pode ser tomado como um documento fidedigno acerca do poema de Parmênides, nos próprios termos deste? Será que Platão, neste diálogo, está seriamente engajado em refutar definitivamente a posição parmenídica? Será esse o sentido último e inequívoco do parricídio? Ou será que grande parte dos estudiosos, em vista da afirmação explícita do parricídio, negligenciaram certas passagem que, devidamente consideradas, nos obrigariam a colocar sob suspeita a tese de que Platão está comprometido com

da tentativa de desembaraçar os vários sentidos de *einai*” (Crombie, 1963:499). Shorey também esposa esta tese, ao propor que Platão “estabeleceu o fundamento da lógica” por meio de uma “distinção explícita da cópula do ‘é’ substantivo” (Shorey, 1993:298). A versão mais sofisticada desta posição pode ser encontrada em Ackrill (1965). Ver também Cornford (1951:296).

¹¹ Segundo Hintikka, nenhum filósofo antes do século XIX defendeu que os verbos da linguagem natural para *ser* possuem esta ambiguidade múltipla (Hintikka, 2006). De acordo com Hintikka, não devemos confundir o fato de uma palavra possuir diversos usos conforme o contexto com o fato de uma palavra possuir diversos sentidos separados uns dos outros. Ainda que Platão, na construção dramática de seus diálogos, jogue muitas vezes com usos distintos de uma palavra, devemos levar em conta a sugestão de Vlastos de que, em cada caso, são usos distintos que um leitor atento poderia ou pelo menos *deveria* perceber (Vlastos, 1973:47). Ver também, a esse respeito, um pequeno artigo de nossa autoria intitulado “Sobre alguns empregos do verbo grego *ser* no *Sofista* de Platão” (Huguenin, 2008).

uma refutação direta de Parmênides de Eléia?

No que tange a estes pontos, Jean Frère inicia seu artigo colocando o problema de modo correto, ao se colocar a seguinte questão: “como Platão lê Parmênides antes de discuti-lo”? (1991:127). Segundo este autor, os exegetas nem sempre se deram conta do que o texto platônico diz especificamente sobre Parmênides. Segundo Frère, em outros diálogos, quando falou de Parmênides, quando colocou Parmênides em cena, Platão não foi exatamente fiel a Parmênides. No diálogo intitulado *Parmênides*, as hipóteses atribuídas ao eleata acerca do Uno constituem uma análise platônica e não propriamente parmenídica (1991:127), uma vez que não se confirmam a partir de um cotejo direto com o poema. No *Teeteto*, quando se faz referência a Parmênides, a discussão é conduzida antes a partir de um tema parmenídico¹² do que propriamente a partir de um verso ou de uma passagem específica do poema. No *Sofista*, por outro lado, a situação é diferente, pois, além das alusões e menções explícitas, Parmênides é textualmente citado em três ocasiões. Esta situação certamente encorajou inúmeros estudiosos não apenas a tomarem o diálogo como um documento importante para a interpretação do poema de Parmênides, mas também a projetarem suas próprias concepções filosóficas sobre o texto de Platão. Não seria mais oportuno e frutífero, como quer Frère, “retornar ao testemunho de Platão, ainda que sua lucidez nos mostre, no caso de Parmênides, temas aos quais não demos até hoje a devida atenção?” (1991:129). Em suma, esta é a tarefa a ser realizada na presente dissertação: retornar ao testemunho de Platão.

Traçado este panorama, passemos em revista o itinerário a ser percorrido nas próximas páginas. Em um primeiro momento, no que consiste em uma espécie de relato do *status quaestionis*, (1) elencaremos rapidamente as interpretações tradicionais das relações entre Parmênides e Platão, veiculadas por grande parte dos manuais, tentando destacar, na medida do possível, os pressupostos de leitura nos quais se fundamentam. Em um segundo momento, (2) faremos comentários acerca dos pressupostos de leitura necessários para a tarefa de compreender as

¹² Por *tema* entendemos aqui quaisquer alusões ou referências feitas aos tópicos discutidos no poema de Parmênides que não estejam relacionados propriamente a uma citação ou referência direta de algum fragmento.

relações entre Parmênides e Platão. Em terceiro lugar, de posse já dos pressupostos de leitura adequados para a tarefa em questão, (3) faremos uma análise atenta dos cinco argumentos expressos na passagem compreendida entre 236e-241a com o fim de determinar a interpretação platônica de Parmênides subjacente aos usos mesmos destes argumentos. Posteriormente, finalizando a jornada, (4) apresentaremos os resultados obtidos a partir da análise do texto.